

**DOSSIÊ****“Eles aceitam esses gays todos pra um dia fazer uma sessão de cura com todo mundo”:**

afetações da religião em uma pesquisa sobre masculinidades

Leandro Teofilo de Brito, *Universidade Federal do Rio de Janeiro*

---

**Resumo:** Este artigo busca problematizar afetações da religião em uma pesquisa sobre masculinidades no contexto do esporte. Para isso, são mobilizadas as teorizações da desconstrução, *différance*, performatividade e interseccionalidade, em textos de autoria de Jacques Derrida, Judith Butler, Sirma Bilge, entre outros, assim como a produção de narrativas pela noção dialógica de Leonor Arfuch. Entre os resultados, os sujeitos participantes da pesquisa apontaram as disputas que ocorriam no interior das igrejas evangélicas em que frequentavam, pela tentativa de controle e regulação de masculinidades não heterossexuais em seus espaços. Os discursos da religião significaram-se pela tentativa de estabilização de um modo específico de ser homem na sociedade, isto é, na vivência demarcada da masculinidade heterossexual como norma do projeto instituído por aquelas igrejas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião. Masculinidade. Juventude. Narrativas. Diferença.

---



## Introdução

Um evento de nome Machonaria, idealizado pelo pastor Anderson Silva da igreja Vivo por Ti de Brasília, repercutiu nas mídias e nas redes sociais durante a realização de seu segundo encontro, em 2019, pela ênfase no seguinte discurso: resgatar a masculinidade patriarcal<sup>1</sup>. Contrário à ideia de que a masculinidade é uma construção social, por meio de um discurso obscurantista e, em alguma medida, conflituoso e desarticulado epistemologicamente com os estudos de gênero, o pastor defende que o machismo é uma maldição e que não possui qualquer relação com o patriarcado. Para ele, esse pensamento é o caminho mais viável a ser assumido socialmente por homens honrados e que lutam por um mundo melhor para se viver.

Sabe-se que a religião é, historicamente, um campo que se engaja nas disputas em torno da manutenção das normas de gênero na sociedade e movimentos contemporâneos como o Machonaria buscam, com base numa perspectiva conservadora, a estabilização da masculinidade entre os homens que frequentam seus espaços. Sendo os homens alvo dessa iniciativa, tal movimento busca mantê-los numa posição social de hierarquização e dominação da ordem estrutural, negando a eles possibilidades, por exemplo, de parceria e maior abertura nas relações com as mulheres na sociedade.

Como destacou Ecco (2008), as expressões religiosas oriundas da tradição cristã, recorrentemente, dão muita ênfase à manutenção da supremacia hierárquica masculina, corroborando para moldar os sujeitos, dada sua forte influência social. O autor considera a religião como um campo simbólico importante e que enfatiza, desde os mecanismos mais sutis de influência na vida dos sujeitos, um espaço privilegiado de construção social da supremacia cultural da masculinidade.

Outros autores, como Gastaldi e Silva (2018), apontaram que tal condição imposta pela religião favoreceu os homens, colocando-os numa posição de destaque na estrutura social e reafirmando seus privilégios na sociedade. Também enfatizaram as disputas que ocorrem entre essa identidade masculina, que é definida e pautada nos seguimentos religiosos desde os primórdios da cristandade, e as novas demandas

---

<sup>1</sup> Em plena onda feminista, machonaria quer resgatar a masculinidade patriarcal. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/11/08/eventos-como-machonaria-querem-resgatar-a-masculinidade-patriarcal.htm>. Acesso em: 23 jun. 2023.



contemporâneas, que são colocadas aos sujeitos para contestar a rigidez dos papéis estabelecidos socialmente pela igreja.

Entre essas novas demandas, pode-se apontar a articulação entre a masculinidade e as orientações não heterossexuais. Nessa discussão, o posicionamento da religião sobre o tema da homossexualidade se torna, na maior parte das vezes, até mais radical. Os elementos precursores da hostilidade contra homossexuais são advindos de uma tradição judaico-cristã, que situam pessoas homossexuais fora de uma suposta salvação e, principalmente, à margem de uma dada natureza – heterossexual, pois: “O cristianismo triunfante transformará essa exclusão da natureza no elemento precursor e capital da ideologia homofóbica” (BORRILLO, 2010, p. 44).

Este artigo discutirá as afetações da religião em narrativas sobre as masculinidades no esporte, com focalização no voleibol. Conforme destacou Camargo (2014), as masculinidades – plurais, múltiplas, queer, dissonantes - estão em constante circulação nos esquemas simbólicos de apreensão do mundo das práticas esportivas, independente dos sentidos que lhe são atribuídos. A participação de homens não heterossexuais em locais de prática do voleibol é um fenômeno cultural recorrente no Brasil, que atravessa tanto o contexto profissional, com jogadores homossexuais e bissexuais presentes em equipes da Superliga Masculina e na Seleção Brasileira, como em espaços de lazer e campeonatos escolares, universitários, amadores e de categorias de base que ocorrem em diversas partes do país (ANJOS, 2015; BRITO, 2016; BRITO, 2017; CARVALHO et al., 2017; SOUZA; PEREIRA NETO; ALMEIDA, 2021; BRITO, 2022; BRITO; SILVA JUNIOR, 2022; LAURINDO; MARTINS, 2023).

Abordo neste texto um recorte de uma pesquisa mais ampla que discutiu os processos de identificação e significação de jovens atletas de voleibol cisgêneros e que se identificavam como homens homossexuais e bissexuais (BRITO, 2018). Nesse contexto, a temática religião emergiu na produção das narrativas e foi enunciada como um marcador da diferença que afetava as experiências dos sujeitos participantes da pesquisa, tanto na sociedade como nos contextos em que se desenvolviam como jogadores de vôlei em clubes de base. Para leitura e interpretação dessa focalização de pesquisa, mobilizo as teorizações da desconstrução, *différance*, performatividade e interseccionalidade para problematizar as afetações da religião em narrativas produzidas na pesquisa supracitada.



## **Uma leitura antiessencialista sobre as categorias masculinidade e juventude**

Discutindo os processos de identificação e significação das masculinidades e das juventudes, enunciados pelos sujeitos da pesquisa, proponho pensar os efeitos produzidos pela linguagem na constituição dos sentidos sociais atribuídos à diferença na contemporaneidade. Apoio-me numa abordagem pós-estruturalista para responder as complexidades que as identificações e significações assumem nos diversos contextos sociais.

A rejeição do caráter fixo, permanente e restritivo da oposição binária, que se expressa nas dicotomias homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, entre outras, é defendida por Joan Scott com base na noção de desconstrução, proposta pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida. Esta noção foi apropriada por teóricas feministas, localizadas nos estudos pós-estruturalistas, como um caminho para deslocar a construção hierárquica que se naturalizou na diferença sexual:

A desconstrução não pode limitar-se ou passar imediatamente para uma neutralização: deve, através de um gesto duplo, uma dupla ciência, uma dupla escrita, praticar uma reviravolta da oposição clássica e um deslocamento geral do sistema. É só nesta condição que a desconstrução terá os meios de intervir no campo das oposições que critica e que é também um campo de forças não-discursivas (DERRIDA, 1991, p. 372).

Jacques Derrida busca promover com o pensamento da desconstrução o que chama de duplo gesto, que ocorre por meio de dois momentos constituintes da atividade desconstrutiva: a inversão e o deslocamento, citados no trecho acima. No primeiro momento, a inversão vai buscar colocar em destaque o que foi reprimido, marginalizado, para no movimento de deslocamento; o segundo e importante momento, ir além das dicotomias e dos binarismos, rompendo com qualquer nova hierarquização (HADDOCK-LOBO, 2008). A noção proposta pelo filósofo é potente, dentro de uma crítica pós-estruturalista à noção de identidade, pois a assume sem qualquer fundamento essencialista:



O que Derrida chama de feminino, por exemplo, está para além da mulher, para além da distinção sexual homem-mulher: é justamente o fim da distinção polar e a abertura para uma produção de múltiplas diferenças sexuais [...]. Sob este prisma, o feminino não é a mulher, mas sim a possibilidade de se lidar com a ausência da verdade fálica, masculina, certa... É a possibilidade do desconhecido e do novo e, por isso, a chance de pensarmos para além de qualquer classificação sexual, seja hetero, homo, trans, metro ou mesmo pansexual (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 20).

Dessa maneira, o movimento de contestação das oposições binárias e da fixidez identitária pela noção de desconstrução, tão caro às lutas feministas e tão potente politicamente na busca pelos direitos à diferença, trouxe aos estudos de gênero novas configurações e alternativas, como apontou Scott (1995, p. 84):

Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual. [...]. Se utilizamos a definição da desconstrução de Jacques Derrida, essa crítica significa analisar, levando em conta o contexto, a forma pela qual opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando sua construção hierárquica, em vez de aceitá-la como real ou auto evidente ou como fazendo parte da natureza das coisas.

Considerando, conforme leitura de Derrida por Rodrigues (2009, p.34), que “deslocar-se é, antes de mais nada, não se fixar a identidades”, o filósofo, com o pensamento da desconstrução, problematiza a existência de rastros e vestígios no movimento permanente de inversão e deslocamento, que escapa às oposições binárias e que busca promover as diferenças, na medida em que não se instituem novas oposições, mas sim um permanente deslocar-se e diferir-se denominado por ele de *différance* (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004).

Haddock-Lobo (2008) afirma que Jacques Derrida, com o uso do termo *différance*, objetivava mostrar que a escrita não poderia ser vista simplesmente como representação da fala, em um sistema binário e hierarquizado, onde ocuparia posição subalterna. A *différance*, para Jacques Derrida, é um neografismo produzido a partir da introdução da letra a no lugar do e, para questionar a tradição fonocêntrica, dominante nas tradições filosóficas, que lograram-se impor no ocidente, desde épocas anteriores a Platão, até os estudos linguísticos de Saussure: “a inserção da



letra a se propõe ser uma ‘marca muda’, que se escreve ou se lê, mas não se ouve” (SANTIAGO, 1976, p. 22).

Conforme Rodrigues (2009), a *différance* deriva do verbo *différer* – diferir – que significa retardar, adiar, protelar, prorrogar, ou seja, se poderia afirmar que a *différance* significa um constante processo de diferenciação e que “está no jogo de remetimentos com o outro, jogo a partir do qual as referências são constituídas, num devir permanente em que a identidade fixa é substituída pelos efeitos de um processo contínuo de deslocamento” (p. 43). Um movimento de diferenciação permanente e infinito, que produz diferenças e que questiona uma estrutura binária de oposições já dadas.

Nas palavras de Jacques Derrida:

o movimento da *différance*, na medida em que produz os diferentes, na medida em que diferencia, é, pois, a raiz comum de todas as oposições de conceitos que escondem nossa linguagem, tais como, para não tomar mais do que alguns exemplos: sensível/inteligível, intuição/significação, natureza/cultura, etc. Enquanto raiz comum, a *différance* é também o elemento do mesmo (que se distingue do idêntico) no qual essas oposições se anunciam (DERRIDA, 2001, p. 15).

Neste sentido, Rodrigues (2009, p. 45) afirma que trabalhar com Jacques Derrida significa reconhecer a questão da alteridade como central em suas obras, problematizando a ausência/presença do outro, como uma alteridade radical e que o filósofo “propõe substituir o conceito de identidade pelo de identificação, noção mais próxima de processo, de movimento, de um devir permanente que nunca se dá completamente”.

A teorização da performatividade da linguagem (DERRIDA, 1991; BUTLER, 2019) também é basilar nessa proposta. Por essa perspectiva, toda linguagem repetida e reiterada tem a capacidade de produzir efeitos de realidade e, assim, participar das construções dos sentidos em circulação na sociedade. Esse poder performativo da linguagem, “não descreve algo que existe fora da linguagem e antes dela. Produz ou transforma uma situação, opera” (DERRIDA, 1991, p. 27) e “a performatividade deve ser entendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (BUTLER, 2019, p.



16). Cabe destacar que os efeitos dessa repetição se processam de modo contingente nos diversos contextos em que se produzem.

É por essa articulação epistemológica que Butler (2014) entende sexo, gênero e sexualidade como performativos, isto é, considera essas identificações, mesmo instituídas na coerência normativa sexo-gênero-desejo, instáveis, abertas e precárias. Por meio da repetição estilizada do corpo por falas, atos e gestos, sentidos do masculino e do feminino, enunciados por uma matriz heterossexual e reconhecidos dentro de um quadro binário, estão passíveis de fracasso e de ressignificações.

Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. [...]. Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados (p. 253).

Ao interpretar as masculinidades pela noção de performatividade de gênero, busca-se uma leitura antiessencialista para os jogos de poder sobre as identificações do masculino em circulação na contemporaneidade, pois “as performatizações da masculinidade dão significados aos incalculáveis e complexos processos de identificações do masculino, imbricados num jogo relacional de disputas, que abarca repetições/deslocamentos de sentidos” (BRITO, 2021, p. 8).

Assim como Judith Butler contestou o binarismo masculino/feminino pelo argumento antiessencialista que destaca a complexidade da linguagem na constituição do sexo, do gênero e da sexualidade, a noção de performatividade se mostra produtiva na contraposição ao adultocentrismo. Propondo como discussão a identificação da juventude como performativa, destaca-se que “existem as práticas reguladoras da coerência da idade que, ‘performativamente’, dicotomizam e hierarquizam a criança/adolescente/jovem relativamente ao adulto” (LEITE, 2014, p. 148), o que permite contestar atribuições naturalizadas – como irresponsável, hedonista, alienado, entre outras – comumente repetidas em enunciações direcionadas ao sujeito jovem na sociedade e que corrobora com o discurso do senso comum de essencialização da identificação da juventude em variadas esferas da



sociedade. Tal construção de mostra potente para a articulação das categorias juventude e masculinidade nas discussões aqui desenvolvidas.

Entendendo que as performatizações das identificações anunciadas podem ser afetadas mutuamente e por diversos outros marcadores da diferença, como a própria religião, a abordagem interseccional (BILGE, 2009; 2020) se mostra importante nessa articulação epistêmica. Reconhecendo que não se trata de um mero somatório de opressões, mas de uma abordagem integrada que articula categorizações da diferença, materializadas em desigualdades, que emergem e interpelam as vivências dos sujeitos, a interseccionalidade é uma abordagem analítico-política potente para problematização da articulação de diferentes atravessamentos identitários nas experiências cotidianas dos sujeitos.

Além disso, sua articulação com o pós-estruturalismo “leva, nos melhores casos, a um avanço inegável do paradigma interseccional, notavelmente na formação de estruturas conceituais originais e fortemente relevantes” (BILGE, 2020, p. 243-244). Favorece uma abordagem produtiva para discutir categorias da diferença em integração e em articulação com os múltiplos vetores da ordem social, que trabalham para convertê-la em desigualdade, focalizando a multiplicidade dos processos de identificação/significação, sem renunciar interpretações antiessencialistas que colocam sob suspeita sentidos da estabilidade das identidades.

## **Produção de narrativas**

As narrativas que serão problematizadas neste artigo foram construídas pelos princípios da cientista social argentina Leonor Arfuch. A autora dialoga com autores pós-estruturalistas para discutir a entrevista e a produção de narrativas biográficas e autobiográficas nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, enfatizando o caráter criador e transformador da ação linguística, além da afetação dos processos culturais e das relações de poder ali presentes.

Arfuch (2010) nomeia de espaço biográfico “um singular habitado pela pluralidade (p. 340), isto é, a biografia como um local de múltiplas narrativas, que contam, de diferentes modos, histórias e/ou experiências de vida. O nome espaço biográfico remete a um universo de gêneros discursivos, que delineiam um território composto pela “trajetória individual sempre em busca de seus acentos coletivos” (ARFUCH, 2010,





p.15) e que são comumente expressados por entrevistas, conversas, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, anedotários, entre outros. Nesse sentido, as narrativas, como uma das múltiplas formas que integram o espaço biográfico, considerada uma das grandes divisões do discurso e dimensão configurativa de toda experiência “adquire relevância filosófica ao postular uma relação possível entre tempo do mundo da vida, o tempo do relato e o tempo da leitura” (ARFUCH, 2010, p. 112).

Destaca-se, entre os métodos biográficos enunciados por Arfuch (2010), a entrevista, que se configura como um gênero predominante e tradicional na comunicação midiática e na pesquisa acadêmica das ciências humanas e sociais, em que se atribui como interesse central “o interesse na voz e na experiência dos sujeitos e com a ênfase testemunhal”. Todavia, a autora defende a produção de narrativas baseada numa “teoria do sujeito que considere seu caráter não essencial, seu posicionamento contingente e móvel nas diversas tramas em que sua voz se torna significativa” (ARFUCH, 2010, p. 31-32). Suas proposições sobre narrativas enfatizam uma perspectiva de não hierarquização entre pesquisador e sujeitos, numa relação, sobretudo, dialógica e alteritária no contexto de produção dos relatos nas entrevistas.

A cientista social então cita a historiadora feminista Joan Scott, para contestar uma ideia de “fonte imediata da verdade” (ARFUCH, 2010, p.254), advinda das vozes autorizadas dos sujeitos e do caráter essencialista da experiência nas narrativas biográficas e autobiográficas. Conforme Scott (1998), quando a experiência é tomada como origem do conhecimento, a visão dos sujeitos, seja da pessoa que viveu a experiência ou a da que narra torna-se verdade apriorística, remetendo-se a um entendimento essencialista da identidade que opera invisibilizando formas de como a diferença é estabelecida, como e de que maneira esta informa e constitui os sujeitos e suas posições assumidas no mundo.

Em outras palavras, a experiência, concebida tanto por meio de uma metáfora de visibilidade, quanto por outro modo que tome o significado como transparente, reproduz, mais que contesta, sistemas ideológicos dados – aqueles que presumem que os fatos da história falam por si mesmos e aqueles que se fundamentam em ideias de uma oposição natural ou estabelecida entre, digamos, práticas sexuais e convenções sócias, ou entre homossexualidade e heterossexualidade (SCOTT, 1998, p. 302).



Deste modo, Scott (1998) propõe que ao tornar visível a experiência de um grupo, através de seus relatos vivenciais, se coloque em evidência os processos históricos que, constituídos pelo discurso, posicionam sujeitos na construção crítica de sua experiência, já que: “Não são indivíduos que têm experiência, mas sim sujeitos que são constituídos pela experiência” (p. 304). A autora, nesta perspectiva, tenciona o caráter incontestável da experiência descrita em textos históricos de relatos e narrativas, permitindo reflexões sobre a desconstrução de posições essencializadas e predeterminadas pela identidade, que os sujeitos assumem para as pesquisas.

Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz. [...] é uma historicização que implica exame crítico de todas as categorias explicativas tomadas normalmente como óbvias, incluindo a categoria de “experiência” (SCOTT, 1998, p. 304).

Seguindo esses princípios, foram produzidas narrativas com vinte jovens atletas de voleibol das categorias juvenis (sub-19) de clubes localizados na cidade do Rio de Janeiro, entre os meses de outubro e dezembro de 2016. Para as identificações de idade, raça e religião utilizou-se um questionário aberto, que foi preenchido junto com o termo de consentimento livre e esclarecido durante a realização das entrevistas. Entre os jovens atletas participantes, nove reconheciam-se como negros, oito como brancos, três como pardos; sete jovens tinham 18 anos e treze jovens 19 anos; e todos os jovens identificavam-se como homens cisgêneros e a orientação sexual variava entre a homossexualidade e a bissexualidade, ocorrendo certa fluidez nesse processo de identificação. Quanto à religião, apenas um jovem identificava-se como candomblecista, cinco como católicos, cinco como evangélicos e nove afirmaram não ter religião (um destes jovens sem religião relata ter se afastado de uma igreja evangélica, conforme narrativa que será discutida na próxima sessão).

As narrativas produzidas foram analisadas por uma proposta metodológica para a pesquisa sobre masculinidades, fundamentada na teorização da interseccionalidade e desenvolvida pela teórica feminista canadense Sirma Bilge. A autora propõe a interpretação das categorias gênero, orientação sexual, raça, classe, etnia, religião, idade e deficiência,



entre outras, em narrativas produzidas por entrevistas, por meio de algumas questões que são aplicadas às narrativas (BILGE, 2009).

Na primeira fase, nomeada como abordagem indutiva baseada em dados, busca-se capturar as categorias que emergem nas enunciações das entrevistas pela leitura das narrativas transcritas e pela escuta dos áudios. Na segunda fase, que a autora nomeia de modelo genérico de interseccionalidade, se aplicam questões às narrativas: Como o gênero informa a experiência individual?; Como o gênero interage com outras categorias sociais nesta experiência individual?; Que dimensões da experiência estão interagindo com o gênero? (BILGE, 2009). Para cada categoria - gênero, orientação sexual, raça, classe, etnia, religião, idade, deficiência, entre outras – se aplicam as questões, tais como as exemplificadas, que visam interpretar se as categorias estão presentes de maneira individual ou se estão interseccionadas.

O recorte que será problematizado aborda a centralidade da identificação da religião como um marcador da diferença que afetava as vivências dos jovens atletas de voleibol nos espaços em que atuavam como jogadores e, de um modo geral, na sociedade.

## **Afetações da religião**

A primeira narrativa que será problematizada é do jovem atleta de nome fictício Luquinha: 19 anos, homossexual, pardo e evangélico. Segue o trecho:

Leandro: Você tem pretensão de seguir carreira? Hoje, com 19 anos, no último ano de juvenil no clube e terminando a escola, o que você pensa em relação a isso?

Luquinha: Com 19 anos, assim... por causa da minha altura, eu acho que não vou ter uma carreira no adulto, entendeu? Mas eu acho que eu não vou parar de jogar vôlei, porque eu gosto muito, eu fiz muita amizade e tal. É um esporte muito bom de praticar e eu não pretendo parar. Ano que vem eu pretendo continuar jogando pela minha igreja, caso não aconteça mesmo uma equipe, uma bolsa em uma faculdade particular...

Leandro: Você é evangélico?

Luquinha: Isso, sou da igreja XXXX (nome da igreja mantido em anonimato)

Leandro: E você pretende continuar jogando por lá? Não sabia que existia esse tipo de trabalho lá...



Leandro Teofilo de Brito, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Luquinha: Existe sim, é um campeonato que são várias modalidades e tal e que disputa com várias igrejas de vários bairros, até fora do Rio... viaja pra São Paulo, pro Sul...

Leandro: Entre as igrejas?

Luquinha: Isso. E eu jogo pelo time da Igreja de São João, entendeu?

Leandro: Mas tem algum outro menino que é gay com você lá?

Luquinha: Tem sim (risos) e vou te dizer que o time praticamente é todo gay de São João... a gente joga também com outras igrejas e todas tem gays (risos)

Leandro: E o pessoal te respeita lá, numa boa?

Luquinha: O pessoal da igreja trata a gente numa boa... sem problemas

Leandro: Não rola discriminação por quem seja gay?

Luquinha: Dizer que não rola eu não vou dizer... uma vez me falaram assim, que eles aceitam esses gays todos pra um dia fazer uma sessão de cura com todo mundo... isso até já circulou entre a gente, uma vez a gente conversou sobre isso... talvez seja história, fofoca...

Leandro: Nossa... surpresa! E como você se situa nisso? Ser gay e evangélico?

Luquinha: Eu sei que é difícil pensar nisso, em ser essas duas coisas, mas eu acho que é possível sim... Jesus amou todo mundo e não é porque eu prefiro homem que ele não vai me amar. Talvez um dia eu saia disso... também não sei, entende... eu vou seguindo fazendo o que eu acho certo pra mim, acreditando no que eu acho melhor... é isso...

Leandro: E muda alguma coisa em você ser um jovem gay evangélico? Me explica melhor isso, porque eu realmente te falo que eu tenho dificuldade de entender, me desculpa...

Luquinha: Não, que isso... muita gente igual a você tem essa dificuldade. O que a gente que é gay tem que ter cuidado é com a libertinagem... com o uso de drogas, com a bebida, ficar bêbado todo sábado... com essa coisa de ficar e transar com qualquer um... se eu sou gay, mas sigo essas normas, não tem tanto problema assim... o que eu tento seguir é isso

Leandro: E quem te fala pra seguir isso?

Luquinha: Nos cultos tem a pregação do pastor e ele fala muito isso, mas não só com gays, mas com pessoas que são heteros também, homens, mulheres... está na bíblia. Eu sei que é confuso, mas é assim que quem é gay e evangélico consegue conciliar as duas coisas... a igreja também não é isso que todo mundo fala pros gays, pode ser um lugar bom sim...

Conforme o trecho destacado da conversa com Luquinha, busquei, inicialmente, indagar o jovem atleta sobre suas perspectivas de seguir



carreira como jogador de voleibol, após subir da categoria juvenil ao adulto e o término da escola, mas fui surpreendido pela informação de que ele também jogava voleibol por sua igreja. Minha surpresa ocorre quando as identificações homossexual e evangélico foram enunciadas por Luquinha e, reafirmadas, quando o questiono se convivia com outros colegas de equipe também homossexuais. Embora também relate que, junto aos seus colegas, são aceitos independente da orientação não heterossexual naquele espaço, levanta a possibilidade de que a igreja os convide a participar de uma sessão de “cura gay”.

Natividade (2006), em pesquisa que focalizou as categorias religião e homossexualidade, afirmou que o discurso religioso de reversão da orientação sexual apareceu como uma perspectiva dominante em diferentes denominações da igreja evangélica, que reconhecem a prática da homossexualidade como pecaminosa e passível de cura, justificando-a como uma forma de alívio ao sofrimento de pessoas que se identificam como homossexuais. O autor, recorrendo a um mapeamento de obras do universo evangélico sobre o tema, em materiais nacionais e internacionais, distingue três categorias no discurso evangélico da cura gay: cura, libertação e restauração sexual, onde técnicas da psicologia e trechos da Bíblia são utilizados em interlocução para construir as premissas que colocam a homossexualidade associada à promiscuidade, pedofilia e doença, pois “as acusações morais subjacentes ao discurso sobre a cura revelam um pânico moral insuflado pelo cultivo de uma imagem negativa” (NATIVIDADE, 2006, p. 127).

Gonçalves (2019) ao discutir as disputas políticas em torno da Resolução do Conselho Federal de Psicologia – 01/99, que proíbe profissionais da área da Psicologia de colaborar com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades, aponta que tanto as religiões católica e evangélica, políticos progressistas e ultra-conservadores, além dos movimentos sociais LGBTI+ vem tensionando o debate público com avanços, recuos e permanências sobre o tema. Nesse contexto, vale ressaltar que:

Nos últimos 40 anos, decisões de órgãos cientificamente qualificados vêm afirmando que as homossexualidades não constituem doenças e que as terapias de reorientação sexual não têm validade científica, tais como as pesquisas realizadas pela Associação Americana de Psicologia e pela Organização Pan-Americana de Saúde (GONÇALVES, 2019, p. 184).



Luquinha também enunciou em sua narrativa, que seria possível se autoidentificar como um jovem gay e evangélico a partir do momento em que houvesse o enquadramento do sujeito nos discursos regulatórios da igreja, afastando-se das drogas, da bebida e do sexo. O jovem atleta justificou, inclusive, que tal discurso da igreja é direcionado a homens e mulheres heterossexuais e não apenas às pessoas homossexuais. Sabe-se que a regulação da homossexualidade e de práticas sexuais tidas como fora da norma pelas igrejas evangélicas, decorre da articulação de elementos da tradição religiosa e de certos modos de subjetivação modernos, com o objetivo de controle dos desejos dos sujeitos (NATIVIDADE, 2006; BORRILLO, 2010).

Tal controle, vem ao encontro de se impor mecanismos regulatórios sobre performatizações de masculinidades dissidentes à norma no contexto da igreja em que frequentava, pois, a religião evangélica, na contingência narrada, negociava possibilidades de modos outros de “ser homem” em seus espaços. Conforme a narrativa, a igreja, supostamente, fazia uso do esporte também para outros fins, tais como projetos de reversão da orientação sexual, considerando a maior presença de sujeitos que não se identificavam como heterossexuais na equipe de voleibol.

Recorro novamente a Butler (2014, p. 253) para refletir sobre a complexidade das normas em dados contextos sociais:

A norma governa inteligibilidades, permitindo que determinadas práticas e ações sejam reconhecidas como tais, impondo uma grelha de legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que será e do que não será reconhecido como domínio do social.

A próxima narrativa discutida é do jovem atleta de nome fictício Lucarelli: 19 anos, homossexual, negro e evangélico. Segue o trecho a ser problematizado:

Leandro: Vejo aqui pelo questionário que você é cristão. Evangélico?

Lucarelli: Evangélico afastado

Leandro: Afastado?

Lucarelli: Isso

Leandro: Como é que você vê a sua orientação sexual e a igreja? É por isso que você é afastado?



Leandro Teofilo de Brito, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lucarelli: Eu acho que o que a gente faz é errado perante a Bíblia, mas se a gente for olhar pra dentro da igreja, a gente vê muita coisa errada. E dentro da igreja tem muitos gays tentando se recuperar, então pra mim eu me vejo como errado tentando acertar, entendeu?

Leandro: Você então acredita nessa questão de recuperação, tipo de cura gay na igreja?

Lucarelli: Não, tipo... eu não acredito da pessoa ir no médico, no psicólogo se curar... eu acredito nela focar em si mesma e dizer “Eu vou sair dessa vida!”

Leandro: Quando você fala sair dessa vida é o que? A vida do gay é ruim? Como é que você se vê daqui dez anos? Longe dessa vida?

Lucarelli: Sim, se eu focar sim... eu focando sim, eu saio dessa...

Leandro: Você vê isso como errado?

Lucarelli: Sim, o que a gente faz é errado...

Leandro: É errado o que? Pegação?

Lucarelli: É isso mesmo... a gente gosta, faz, mas é errado... eu não concordo, isso não é certo...

Leandro: Mas você não acha que a pessoa pode ser gay e não querer essa vida que você fala, de pegação? Ela ter uma vida mais nos padrões? Você casar com um cara e tal...

Lucarelli: No padrão nunca vai ser, entendeu? É normal entre aspas, mesmo assim estará no erro...

Intitulando-se como um “evangélico afastado”, Lucarelli defendeu a presença de homossexuais evangélicos nas igrejas que buscam a “recuperação”, entretanto quando questionado se a “recuperação” seria sinônimo de “cura gay” o jovem atleta negou, mas em seguida reafirmou que seria possível a reversão da orientação sexual como uma maneira da pessoa “focar em si mesma”. O jovem atleta reiterou o discurso de negatividade sobre a homossexualidade ao associar sexo à promiscuidade e até mesmo uma vida gay nos padrões tradicionais das relações heterossexuais como algo que “estará no erro”. Nesse sentido, homens não heterossexuais são vistos “como ‘promíscuos’, ‘pedófilos’ e sujeitos que ‘espalham doenças’, portanto indivíduos perigosos à coletividade. [...] a partir da veiculação de imagens da homossexualidade como ‘doença’, ‘vício’, ‘perversão’ ou ‘degeneração’” (NATIVIDADE, 2006, p. 127), por parte de discursos que são performatizados pelas igrejas evangélicas e que permeiam as enunciações do jovem entrevistado.

O controle do corpo, dos desejos e das performatizações das masculinidades pela religião, tanto nas narrativas de Luquinha, como nas



de Lucarelli, são passíveis de penalização para o pensamento conservador das igrejas em que frequentavam. Borrillo (2014), ao recuperar discursos sobre a condenação da homossexualidade na Bíblia, tanto no antigo testamento (Sodoma e Gomorra), mas, sobretudo, no novo testamento por Levítico, apontou que seu uso é constantemente repetido na contemporaneidade por autoridades que buscam a repressão da homossexualidade em leis, políticas públicas e decisões judiciais. Nesse contexto, a criminalização das orientações não heterossexuais sedimentou-se na sociedade, desde o discurso da condenação espiritual – ir para o inferno – até a articulação com a promiscuidade, presente nas enunciações dos dois jovens atletas. São discursos performativos, pois produziram efeitos que se materializaram por meio dos sentidos de repressão, discriminação, segregação e exclusão de pessoas não heterossexuais na sociedade.

Retomando Gonçalves (2019), o autor argumenta que a chamada bancada evangélica no congresso nacional se engaja permanentemente na elaboração de projetos de lei relativos a questões contrárias ao casamento homoafetivo<sup>2</sup>, à pornografia, aborto e drogas, construindo um ambiente de alianças políticas entre parlamentares conservadores de diferentes filiações partidárias e denominações religiosas, produzindo permanentemente pânicos morais que, performativamente, circulam na sociedade. Como bem destacou Butler (2019, p. 34-35), “a performatividade é a prática discursiva que realiza ou produz aquilo que nomeia”.

Já a narrativa do jovem que se nomeia como Mireya: 19 anos, bissexual, negro e sem religião, relata seu rompimento com a igreja:

Leandro: Você é evangélico?

Mireya: Já fui obrigado pela minha família, mas nesse momento não sou mais. Uma coisa que eu falo e que eu aprendi: a religião não faz ninguém, quem faz é o caráter, ou seja, então tinha as pessoas que diziam que o esporte era ruim, que ser gay é ruim... então peguei e saí fora...

Leandro: E sua saída também tem haver com a sua orientação sexual? Você sentia que dentro da igreja seria mais difícil você seguir a sua vida em frente?

---

<sup>2</sup> Recentemente, a Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos deputados aprovou projeto de lei que proíbe casamento homoafetivo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-da-camara-aprova-projeto-de-lei-que-proibe-casamento-homoafetivo/>. Acesso em: 23 out. 2023.





Leandro Teofilo de Brito, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mireya: É. Porque na igreja a gente é ensinado que ser gay é errado, que ser bissexual é errado, você irá pro inferno se deitar com homem e essas coisas. Eu não achava correto eu estar ali com um pensamento que eu acho errado, então como eu não quis seguir, eu preferi sair, entendeu? Preferi me afastar. Mas tenho a minha fé em Deus e tenho, na minha mente, que religião não faz ninguém, o que faz é o caráter, entendeu?

Leandro: Sim, sim...

Mireya: Então por isso que eu me afastei

Leandro: Qual era a igreja que vocês frequentavam?

Mireya: Então, era uma dessas Assembleias bem tradicionais, bem antiga...

Leandro: Ah, Assembleia de Deus numa vertente tradicional...

Mireya: Isso... bem, bem antiga, entendeu? E tinha também uma coisa lá que falavam que homem não jogava vôlei... cada idiotice que só você vendo!

Leandro: Mas porque homem não jogava vôlei? Era coisa de gay?

Mireya: Isso... alguém deve ter visto que os gays jogavam vôlei e resolveram falar no culto como mais uma justificativa pras pessoas não praticarem esportes. E os meus pais souberam disso e quando eu comecei a jogar vôlei chegaram a levantar tipo “Olha que no vôlei só tem homossexual e você vai virar homossexual se continuar indo pra lá no Rio jogar”. Socorro, né!

O jovem atleta que se nomeia como Mireya colocou-se contrário aos discursos da igreja em que frequentava, optando por se afastar da religião evangélica, devido as posições antagônicas à sua orientação sexual. Entretanto afirmou que continua mantendo sua fé, já que preceitos que julga como importantes, como caráter, podem ser incorporados independentemente de estar ou não em uma igreja. Atravessando o próprio discurso que subalterniza a homossexualidade como orientação sexual, sua igreja também associava a prática do voleibol como um esporte não voltado a sujeitos que se identificavam como heterossexuais, tolhendo duplamente o interesse do jovem atleta em se manter naquele espaço.

Sabe-se que as normalizações de gênero também se fazem presentes no discurso de marginalização da homossexualidade, por exemplo, quando a igreja enfatiza a divisão de práticas masculinas e femininas e atributos específicos para homens e mulheres, julgando que o cruzamento dessas fronteiras poderia favorecer o estímulo à homossexualidade nas vivências dos sujeitos. A prática do voleibol, quando não indicada pela igreja, por sua associação à homossexualidade,



é um exemplo desta afirmação. No caso dos homens, a reiteração pela performatização da masculinidade na norma é perceptível e clara nos discursos mais conservadores da igreja, já que “nessa perspectiva, na restauração da sexualidade ocorre a recuperação dos atributos naturais de masculinidade pela eleição de certos modelos como ideais a serem alcançados” (NATIVIDADE, 2006, p. 124).

Mireya, em sua narrativa, mostrou resistência às regulações promovidas pela religião, contestando as privações que a igreja evangélica instituía quando era obrigado a frequentar com a família. Posição que se diferenciou de Luquinha e Lucarelli que, em seus relatos, localizavam-se mais próximos ao enquadramento normativo proposto pela religião. Nesse sentido, a performatização da juventude de Mireya é construída em oposição a enunciações naturalizadas sobre o sujeito jovem na sociedade, tal como alienado, justamente pela criticidade assumida ao contexto religioso experienciado, que buscava regular sua masculinidade e sua orientação sexual.

É interessante constatar nestas narrativas que focalizaram as afetações da religião, que embora não seja esperado a intersecção de masculinidades não heterossexuais e religião, sobretudo a evangélica, por se mostrarem antagônicos na ordem social, eles ocorrem. Ainda que tais discursos religiosos busquem instituir em seus espaços performatizações mais sedimentadas da juventude e normalizadoras da masculinidade, resistências a essa norma ocorrem em suas contingências específicas, já que sujeitos jovens, que se identificam como homens não heterossexuais, mesmo em meio a disputas e tensões, fazem-se presentes como membros de igrejas evangélicas.

## **Conclusão**

Busquei neste artigo discutir as afetações da religião em narrativas de jovens que se identificavam como homens cisgêneros, homossexuais e bissexuais, evangélicos praticantes ou, no caso de um dos sujeitos, ex-evangélico. De um modo geral, as enunciações apontaram as disputas que ocorrem no interior das igrejas evangélicas, pela tentativa de controle e regulação de masculinidades não heterossexuais em seus espaços, além dos processos de agência/resistência protagonizados pelos sujeitos. Os discursos da religião, relatados nas enunciações de três jovens, significaram-se pela tentativa de estabilização de um modo específico de



ser homem na sociedade, isto é, na vivência demarcada da masculinidade heterossexual como norma do projeto instituído por aquelas igrejas.

Nesse sentido, os discursos regulatórios significaram-se desde a condenação da homossexualidade e da bissexualidade, associadas à promiscuidade e ao vício em drogas e bebidas, até a um suposto projeto de “cura gay”. Tanto na narrativa de Luquinha, como mais diretamente na narrativa de Mireya, as igrejas reconheciam a aproximação de homens não heterossexuais com o voleibol e disputavam sentidos sobre esse fenômeno cultural em suas ações e discursos. É Mireya que, entre os três jovens atletas, se posicionou de modo mais crítico em relação ao processo de controle da igreja a sua masculinidade e a sua orientação sexual. Este jovem atleta mobiliza uma performatização da juventude que é agenciada de modo contestatório aos processos sociais de regulação sobre seus modos de existência. De maneira oposta a ele, Lucarelli se mostrava mais enquadrado no discurso de normatização da igreja frente a sua masculinidade homossexual, acreditando, inclusive, que mudaria seu desejo com o passar do tempo. Essas subjetivações dos sujeitos denotavam a pluralidade dos processos de identificação e significação associados às diferenças pelos jovens em suas vivências na sociedade.

Entendendo que os processos de disputas de sentidos são permanentes na ordem social, as igrejas relatadas nas narrativas dos sujeitos precisam repensar seus discursos dogmáticos e generificados que ainda instituem modos unívocos de masculinidade entre os frequentadores de seus espaços. A pesquisa aqui discutida mostrou que sujeitos que performatizam modos outros de masculinidades, divergentes do instituído por parte de algumas denominações evangélicas, marcam presença nesses espaços, sejam como fiéis, sejam também em outras instâncias de socialização – como, por exemplo, para jogar voleibol – e precisam ser respeitados em suas diferenças.

## Referências

ANJOS, Luiza Aguiar dos. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115338274002>. Acesso em: 20 jun. 2023.



ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BILGE, Sirma. Panoramas recentes do feminismo na interseccionalidade. *Escritas do Tempo*, Marabá, v. 2, n. 6, p. 238-256, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1525> . Acesso em: 20 jun. 2023.

BILGE, Sirma. Smuggling intersectionality into the Study of Masculinity: Some Methodological Challenges. *Feminist Research Methods: an International Conference, 2009, Stockholm. Anais...* Stockholm: 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/235051/Smuggling\\_Intersectionality\\_into\\_the\\_Study\\_of\\_Masculinity\\_Some\\_Methodological\\_Challenges](https://www.academia.edu/235051/Smuggling_Intersectionality_into_the_Study_of_Masculinity_Some_Methodological_Challenges) . Acesso em: 20 jun. 2023.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRITO, Leandro Teofilo de. “Afeminada! Afeminada!” - Queerizando as masculinidades no contexto do voleibol. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). *Educação Física e Sexualidade: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2017, p. 95-107.

BRITO, Leandro Teofilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cNwyVKFqHbkqkrb3kcbsvQc/?lang=pt> . Acesso em: 22 out. 2023.

BRITO, Leandro Teofilo de. *Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/10469> . Acesso em: 22 out. 2023.

BRITO, Leandro Teofilo de. Identificações performativas do masculino no voleibol: narrativas de jovens adolescentes atletas em debate. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 11, 28, p. 1/2-20, 2016. Disponível em:



<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48473> . Acesso em: 22 out. 2023.

BRITO, Leandro Teofilo de. Masculinidades no voleibol: precarização, agência e resistência em narrativas de jovens atletas. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, v. 38, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/cJ4W8k4BvFjhc6PWWJZwzCH/> . Acesso em: 22 out. 2023.

BRITO, Leandro Teofilo de; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço. “É preto, é bicha e que depende de ajuda de custo do clube”: intersecções da diferença no contexto do esporte. *Civitas*, Porto Alegre, v. 22, p. e40500, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/tNKTCFD4WvW4gFR7JyXgtQL/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 22 out. 2023.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo.”* São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. Regulações do gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 249-274, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Tp6y8yyyGcpfdbzYmrc4cZs/> . Acesso em: 20 jun. 2023.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCAR*, São Carlos, v. 6, p. 41-62, jan./jun. 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/12844201/Considera%C3%A7%C3%B5es\\_antropol%C3%B3gicas\\_sobre\\_masculinidades\\_e\\_sexualidades\\_no\\_esporte](https://www.academia.edu/12844201/Considera%C3%A7%C3%B5es_antropol%C3%B3gicas_sobre_masculinidades_e_sexualidades_no_esporte) . Acesso em: 20 jun. 2023.

CARVALHO, Helton P. de et al. Conflitos entre a orientação sexual e a orientação de gênero na identidade de atletas profissionais de voleibol: a percepção de atletas homossexuais. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 84-98, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/6565#:~:text=Concluiu%2Dse%20que%20a%20orienta%C3%A7%C3%A3o,t%C3%A9nicas%20e%20t%C3%A1ticas%20sejam%20desconsideras.> . Acesso em: 20 jun. 2023.

DERRIDA, Jacques. *Limited inc.* Campinas: Papyrus, 1991.



DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 93-97, jun. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672008000100013#:~:text=Entendemos%20que%20a%20religi%C3%A3o%20seria,s%C3%A3o%20%E2%80%9Cpenetrantes%20e%20duras%E2%80%9D.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100013#:~:text=Entendemos%20que%20a%20religi%C3%A3o%20seria,s%C3%A3o%20%E2%80%9Cpenetrantes%20e%20duras%E2%80%9D.) . Acesso em: 20 jun. 2023.

GASTALDI, Renata Maioli Rodrigues; SILVA, Rafael Bianchi. De Adão à Eva: a construção da masculinidade a partir do discurso do cristianismo. *Revista Mundi Sociais e Humanidades*, Curitiba, v. 3, n. 2, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifpr.edu.br/index.php/MundiSH/article/view/607> . Acesso em: 20 jun. 2023.

GONÇALVES, Alexandre Oviedo. Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da “cura gay”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 175-199, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/nrZfVzmnrBv39cWBynCCHLw/> . Acesso em: 20 jun. 2023.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

LAURINDO, Vinnicius Camargo de Souza; MARTINS, Mariana Zuaneti. Inclusividade e segregação no Voleibol LGBTQIA+: entre tensões e ambiguidades de masculinidades não ortodoxas. *O Social Em Questão*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 201-222, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=61467@1> . Acesso em: 22 out. 2023.

LEITE, Miriam Soares. Performatividade: inscrições, contextos, disseminações. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 9, p. 141-165, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/5869> . Acesso em: 20 jun. 2023.



NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, p. 115-132, jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/LQHjv7CsL3dNGrXzDmMBFzv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

RODRIGUES, Carla. *Coreografias do feminino*. Florianópolis: Editora mulheres, 2009.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves Editora, 1976.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 16, p.297-325, jan./jun. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183/8194>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, julho/dezembro, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUZA, Bruno Piedade; PEREIRA NETO, Érica; ALMEIDA, Gilmar Fabiano de. Masculinidades subordinadas no esporte: o voleibol em foco. In: DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro Teofilo de (Orgs.). *Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: nVersos Editora, 2021, p. 207-222.



## “They accept all these gays to one day do a healing session with everyone”: affectations of religion in a research on masculinities

**ABSTRACT:** This article seeks to problematize the effects of religion in research on masculinities in the context of sport. To this end, theorizations of deconstruction, différance, performativity and intersectionality are mobilized, in texts authored by Jacques Derrida, Judith Butler, Sirma Bilge, among others, as well as the production of narratives through the dialogic notion of Leonor Arfuch. Among the results, the subjects participating in the research pointed out the disputes that occurred within the evangelical churches they attended, due to the attempt to control and regulate non-heterosexual masculinities in their spaces. The discourses of religion were meant by the attempt to stabilize a specific way of being a man in society, that is, in the demarcated experience of heterosexual masculinity as the norm of the project established by those churches.

**KEYWORDS:** Religion. Masculinity. Youth. Narrative. Difference.

**Leandro Teofilo de BRITO**

*Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UFRJ). Formação  
em Licenciatura em Educação Física e Mestrado em Educação pela UFRJ;  
Doutorado e Pós-doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro (UERJ).*

*E-mail: teofilo.leandro@gmail.com*

*Recebido em: 21/06/2023*

*Aprovado em: 03/11/2023*